

MOSTRA ALENCARINAS: RELATÓRIO DE REALIZAÇÃO

Maria Emilly Guilherme Pinto de Melo Lopes.¹

Ana Cecília Cardoso Mesquita²

Resumo: O presente relatório deseja comentar a experiência teórico e pessoal que perpassou a realização da Mostra Alencarinas, primeira mostra totalmente encabeçada, curada e produzida por mulheres do estado do Ceará. Nele está presente pesquisas que explicam um resumo da presença de mulheres na indústria cinematográfica brasileira, o protagonismo delas na área de produção cultural e como esses dois núcleos, juntos na vida da mulher que trabalha com audiovisual, dão a ver a feitura da Mostra Alencarinas como um caminho lógico a ser traçado. Também será discorrido sobre o processo de pré-produção da própria mostra, que engloba: tomadas de decisões, processos adaptativos e tudo que está intrínscico. Além disso, descreveremos como fora a sua realização, com *insights* das apresentações acontecidas no evento.

Palavras Chave: Mulher, Cinema, Ceará, Curadoria, Produção Cultural.

Introdução

De acordo com a pesquisa da Superintendência de Análise de Mercado da ANCINE trazida por Débora Ivanov no Rio_Content_Market 2016: “74% de homens responderam pela direção das obras e 19%, mulheres. Na criação, em 1.595 produções analisadas, 65% eram de autores, contra 23% de autoras. [...] 41% das produções são assinadas por mulheres e 47% por homem.” A diferença é gritante da produção dos dois sexos e isso se reflete na presença feminina nos festivais. Os espaços que as mulheres conseguiram criar em São Paulo, Pernambuco e Rio estão muito distantes da realidade cearense.

A ideia de Mostras e Festivais para realizadoras não é nova, já existindo eventos como o *FIM* (Festival Internacional de Mulheres) em São Paulo, o Cineclube Delas no Rio de Janeiro e o *FINCAR* (Festival Internacional de Cinema de Realizadoras) em Pernambuco. Mesmo tendo o *FINCAR* como exemplo de festival nordestino que foque no protagonismo feminino, essa empreitada é bastante escassa no Nordeste, inclusive no Ceará.

¹ Graduada em cinema e audiovisual pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

² Graduada em cinema e audiovisual pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Especializanda em design gráfico pela Escola Britânica de Artes Criativas (EBAC). Email: ceciscamesquita@gmail.com

O estado cearense recentemente tem visto uma produção efetiva feita por mulheres jovens, como Vanessa Cavalcante com “*Muriel*” (2015), realizadoras mais antigas como Jane Malaquias com “*Resto de Deus entre os dentes*” (em finalização), documentaristas como Rosane Gurgel com *Close* (2017), que tem surgido e ressurgido, além de experimentais como “*Atalanta*” (2017), de Hylnara Any e Fernanda Brasileiro, “*Boca de Loba*” (2018), de Bárbara Cabeça. Ao longo desses 6 anos sendo integrante do núcleocinematográfico de Fortaleza, primeiramente como cinéfila e visitante de cineclubes e depois, como administradora e curadora do Cineclubes Comeram Minha Pipoca, observei que a programação de festivais, mostras e dos próprios cineclubes não possuíam um foco na mulher e suas vivências, tendo pouquíssimas mulheres também na organização desses espaços. Eu, inclusive, fui a primeira mulher a entrar na equipe do Comeram Minha Pipoca.

Isso só reforça o fato de que as cearenses não possuem espaços audiovisuais como cineclubes, festivais e mostras, e elas têm que batalhar bastante para entrar nesses espaços, desbravando ambientes predominantemente masculinos. Desta forma, ter um espaço em que as mulheres cineastas do Ceará sejam protagonista é necessário. É possível que esse espaço possa vir a ser a Mostra Alencarinas, objeto desse estudo, um local que se propõe a fomentar jovens criadoras e que dará espaço às veteranas, tanto na área de realização como na área curatorial.

O feminismo como plataforma de trabalho.

Falar de feminismo não é um assunto novo. Esse tema vem sendo abordado desde o começo do século XIX. De acordo com Beavouir (2016), quanto mais o homem se modernizava mais começava a enxergar o trabalho agrícola e doméstico da mulher como algo retrógrado e vagaroso, tais pensamentos descreditavam totalmente funções caras em detrimento de um dito progresso desejado pelo sexo masculino ao longo de anos de civilização. Já Saffioti (2004) em seu *Gênero, Patriarcado, Violência* ratificam que a causa por esse desprezo eram os aspectos biológicos do sexo feminino: uma sexualidade que se estende por todo o corpo e não se restringe ao órgão sexual (no caso dos homens, o pênis), capacidade multiorgásmica e o dom maior da concepção que causavam inveja e ira aos homens antigos, que acreditavam ser responsabilidade e

capacidade unicamente da mulher e seu corpo de gerar vida.

Há diferentes visões na tentativa de explicar a ira e o descontentamento dos homens para com as mulheres ao longo das eras. Vendo essas duas visões, se nota que seja por qual motivo o machismo ainda é algo intranhado em muitas sociedades e ele permeia a construção da imagem da mulher na sociedade. O machismo mudou a condição de vida e de trabalho das mulheres por gerações: as leis, a linguística, o que vestir ou não vestir, as pautas políticas, a arte, tudo foi gerenciado pela casta masculina durante anos.

Isso contribuiu para um apagamento feminino por toda história de potenciais artistas e pensadoras ao redor do globo. Por exemplo, a escultora Camille Claudel, no final do século XIX, uma pioneira da escultura moderna ao lado de Rodin, teve suas conquistas apagadas pelo privilégio masculino do artista (PAIVA, s.a). No mesmo período, Alice Guy, a primeira em todo mundo a criar narrativas cinematográficas, foi ofuscada pelo também pioneiro Georges Méliès (FERRAZ, 2018), até chegarmos ao século XX, em 1930, com Cleo de Verberena, a percussora do cinema brasileiro da qual ninguém tem conhecimento (HOLANDA; TEDESCO, 2017).

Esse panorama sobre mulheres que atuaram tanto na criação como na produção cultural e artística, serve como pano de fundo na problematização desse trabalho que protagoniza a questão da mulher criadora e produtora audiovisual no Ceará.

Produção cultural no audiovisual.

De acordo com Gadelha (2015, p.17), o sistema de cultura se entende por: “1. Criação, inovação e invenção; 2. Transmissão, difusão e divulgação; 3. Preservação e manutenção; 4. Administração e gestão; 5. Organização; 6. Crítica, reflexão, estudo pesquisa, investigação; 7. Recepção e consumo.” O ser atuante desse modelo, em que realiza todas as funções, que fazem o sistema funcionar é chamado de produtor cultural, “atuando [...] no aspecto da administração da cultura, cabe a esses profissionais a responsabilidade de criar e/ou ‘tornar exequível’ uma ideia no campo das artes ou da cultura.” (GADELHA, 2015, p.17). Gadelha e Barbalho (2013), exemplificaram o quanto apagada é a função do(a) produtor cultural, que sempre viveu às sombras dos artistas e

mecenas.

Voltando os olhos para o Ceará, na pesquisa sobre os selecionados para a mostra Olhar do Ceará de 2017 (SAMPAIO, Joalice), que faz parte do Festival Ibéricoamericano de Cinema, a separação da direção dos filmes fora mais igualitária: metade dos filmes eram de mulheres. No entanto, em 2018 houve um retrocesso: dos 24 curtas exibidos, 8 foram dirigidos por mulheres e 1 fora co-dirigido (CINE, Ceará, 2018). Esse retrocesso também é verificado no festival Janela de Recife 2018 que apresentou disparidades das comparações nas competitivas de longa e curtas. De 16 curtas competindo, 6 são dirigidos por mulheres, enquanto os longas detêm dois brasileiros e nenhum deles fora dirigido por mulheres (JANELA, Recife, 2018). Deslocando um pouco do nordeste, no Festival do Rio de 2018, eram 47 curtas e longas dos quais 9 detinham mulheres na direção (FESTIVAL, Rio, 2018).

No Festival de Gramado de 2018, dos 29 filmes selecionados nas competitivas de curtas gaúchos e longas brasileiros, 12 tinham comando de mulheres (CINEVITOR). Porém, no Festival de Brasília em 2018, o mais antigo do Brasil, esse padrão de desequilíbrio foi subvertido ao apresentar uma menor disparidade e algumas vezes, maior quantidade de realizadoras em relação a direção: “dos diretores selecionados, 52,4% são mulheres cis (que se identificam com o gênero feminino) [...]” (GARONZE, 2018, online). Esse fato se repetiu no ano de 2019.

A Ancine (2015) comprova a feitura de filmes de mulheres, mas também comprova sua quantidade inferior em relação aos filmes dirigidos por homens. Ela também demonstra a chegada dessas mulheres às salas de cinema, porém com uma diferença de 42% da demanda masculina. Isso aponta que há pouco apoio para essas mulheres desbravarem um meio já predominantemente masculino como o meio do audiovisual. Não ocorrendo a entrada nesses meios, não há muita representatividade de mulheres, logo as pirantes cineastas cearenses não encontram grandes influências, e o ciclo vicioso se fecha. A dificuldade pode ser representada na crítica recebida ao filme *O Mistério do Dominó Preto* primeiro trabalho da primeira diretora de longa no Brasil, Cleo de Verberena.

Não se saiu de má de toda. O dirigir um filme e interpretar o papel feminino é de responsabilidade ímpar. Não é tarefa para qualquer pessoa. Requer estudos especiais. Assim sendo, embora notássemos erros na direção decena, não nos cabe condená-la. Poderemos dizer-

lhe, isso sim, que foi ousada, ao mesmo tempo aconselhamo-la a não repetir a façanha. Ela possui personalidade. Como artista poderá alcançar grandes êxitos. **Como diretora não.** (grifo nosso) (HOLANDA; TEDESCO, 2017, p. 21).

Porém, também de acordo com a pesquisa da Ancine (2015), tudo pode acontecer quando mulheres conseguem subir a cargos de poder no audiovisual.

Mesmo excluindo as repetições, o fato de uma mulher ocupar o cargo de produção executiva de uma obra aumenta em 4 pontos percentuais a probabilidade da diretora ser também uma mulher [...] Ao analisar a relação entre diretoras e roteiristas, a causalidade é maior ainda. Uma mulher diretora aumenta em 22 pontos percentuais a probabilidade de outra mulher ser também roteirista da obra. (ANCINE, 2015).

E de acordo com a Ancine (2015) são as mulheres que detêm a maioria em cargos de produção cultural, de acordo com Ortiz a produção cultural:

[...] é, antes, um campo de luta, espaço onde se manifestam relações de poder que se estrutura a partir de uma distribuição desigual de um *quantum*, formado por dominados e dominantes, onde aqueles que ocupam o lugar de dominantes são justamente os que possuem máximo de capital social. (ORTIZ, 1983 apud GADELHA, 2015, p 158)

A produtora(o) cultural tem esse poder de transformar, criar e estabelecer forças que contestam o poder vigente. Organiza a arte e administra planos que fazem nascer projetos duradouros. Que inspira mais e mais pessoas, principalmente mulheres, a seguir em frente com sua arte e sua forma de se colocar no mundo. Este ato faz nascer espaços necessários que não existiam outrora.

Gadelha (2015, p.160) discorre sobre esse assunto por meio de uma fala de um produtor cultural: “Eu era obrigado a inventar produção, se não nada acontecia, ou ficava ali à mercê de um convite sazonal. Eu sentia essa necessidade de me expressar assim, de colocar para fora, de divulgar para terceiros. Era eu sempre quem tomava iniciativa”. Esse pensamento fora a base para a construção da Mostra Alencarinas, gerada a partir da necessidade de criar um “lugar” de encontro de mulheres cearenses que fazem cinema, para que elas se conhecessem e se tornassem conhecidas.

Pré-Produção.

A pré-produção da mostra começou em julho de 2018, com semanais encontros acadêmicos com a professora do curso de Cinema e Audiovisual, Raquel Viana Gondim, convidada para ser orientadora do trabalho. Buscamos, a partir disso, fontes

teóricas para validar todo o processo de produção cultural.

Vivenciando o núcleo cinematográfico de Fortaleza há seis anos, notei a reunião esporádica de mulheres diretoras e produtoras, mas as mesmas se dispersam por razões diversas: ter dupla jornada de trabalho (mãe, esposa, empreendedora, produtora, desempregada, artista etc), não reconhecimento, o machismo no mundo audiovisual e entre outros.

Como disse Angela Davis em seu livro *Cultura, Mulheres e Política* (2017) *lifting as we climb*, “precisamos nos esforçar para ‘erguer-nos enquanto subimos [...] devemos subir de modo a garantir que todas as nossas irmãs [...] subam conosco. p.17”. Com este pensamento na cabeça os trabalhos começaram.

Momento 1: início dos trabalhos.

Uma equipe foi formada para iniciar os trabalhos de um evento que reunisse e desse visibilidade aos trabalhos de realizadoras mulheres cearenses. O projeto inicial era utópico e grandioso para uma primeira edição de um evento desconhecido para os cearenses. Em vez de uma mostra, seria um festival com quatro dias de programação detendo: salas de palestra, rodas de conversa e muito mais.

Esse projeto inicial foi submetido a uma banca de avaliação que questionou alguns problemas estruturais: (i) a quantidade de demandas para construir um festival era enorme para uma equipe reduzida; também houve um questionamento sobre (ii) a quantidade de produções realizadas por mulheres cearenses serem insuficientes em quantidade para cobrir os quatro dias de programação e, por fim, (iii) as questões sobre a infraestrutura, os apoios e o financiamento para compor um festival, uma vez que era necessário prever orçamento para premiações, passagens de transportes, pagamento de cachês etc.

Momento 2: decisões.

Após a avaliação do projeto, havia dúvidas e muitas questões a serem analisadas. A primeira grande decisão foi em transformar o festival em uma mostra, com uma quantidade menor de dias e uma programação mais enxuta. Desta forma, o festival já transformado em mostra, recebeu um nome: **Mostra Alencarinas.**

A ideia era homenagear e divulgar Bárbara de Alencar, pernambucana, primeira presa política que se tem notícia no Brasil. Ela lutou na revolução pernambucana de 1817 e na revolução do Equador de 1824. “[...] Bárbara Pereira de Alencar é a mulher que apoiou as ideias republicanas que emergiram em Pernambuco em pleno século XIX.” (MENDONÇA, 2018).

Foram convidadas para compor a equipe de trabalho com o propósito de fazer a Mostra Alencarinas acontecer: Júlia Moreira ,pesquisadora e graduanda em Ciências Sociais pela UFC , Marina Holanda, pesquisadora, realizadora e produtora cultural. Graduada em Jornalismo pela UFC e pós-graduanda em Gestão Cultural pela UVA, Lia Mota, Jornalista formada pela Universidade Federal do Ceará. atualmente é aluna do curso EAD em produção cultural realizado pelo Observatório Itaú Cultural. Marianne Freire, Publicitária, Produtora e Gabrielle Azevedo Graduanda em Psicologia na Unifor, social media e produtora cultural.

Momento 3: Curadoria

Foram recebidos 47 filmes, dos quais sete foram os selecionados para a Mostra Alencarinas. Na roda de conversa sobre curadoria acontecida na Mostra Alencarinas (2019), Beatriz Furtado comentou que o ato curatorial era, antes de tudo, a formação de um pensamento. Dentre todos os filmes recebidos, nós percebemos um tema despontar : o da viagem, o ato de sair do local de origem, ter a experiência da distância desse local e realizar o ato do retorno com novas experiências, fazendo assim a visão do lugar de partida mudar pelo trajeto adquirido.

Com esse recorte foram escolhidos os filmes: *Ensaio Sobre a Insatisfação* (Nadine Ribeiro, Amanda Soares; s/d) , *Atalanta* (Fernanda Brasileiro; 2017), *Topofilia* (Amanda Pontes, Micheline Helena; 2017), *Ouvi Todo Mundo* (Lívia Costa; s/d), *Terra Ausente* (Nóa Bobona; 2018), *Boca de Loba* (Bárbara Cabeça; 2018) e *Paisagem na Garganta* (Gabi Trindade; 2019). Eles ressaltavam esse ato de saída e retorno, ao mesmo tempo que sua ordem na programação rememorasse o trajeto de ida e volta de uma viagem para o espectador. Começando a programação com o filme mais longínquo até o mais próximo geograficamente da realidade cearense, assim o último filme da

mostra fecharia com o sentimento do fim de uma viagem: o espectador chega em casa ao final da sessão.

Momento 4: Restruturação.

Assim foi reestruturada a dinâmica da então Mostra Alencarinas composta de duas diretrizes: a cinematográfica a produtiva cultural. A cinematográfica objetiva quatro aspectos do evento: (i) a mostra em si e seu recorte curatorial; (ii) as rodas de conversa com curadoras de diferentes espaços cinematográficos na cidade de Fortaleza; (iii) os debates com as realizadoras ao final de cada exibição das obras; o último e não menos importante aspecto cinematográfico, foi a (iv) homenagem à Jane Malaquias, que consistiu numa vídeo homenagem e a exibição de Resto de Deus Entre os Dentes. O vídeo homenagem, contendo entrevistas, fotografias e parte de seus filmes foi intitulado “Jane 100% Artista”.

O viés produtivo cultural ocorreu de duas formas: (i) a realização de uma roda de conversa sobre produção cultural enquanto paralelamente ocorria uma (ii) feira de mulheres empreendedoras que acompanhou o evento durante sua execução. As empreendedoras foram Mulher.Terra, Leles Brechó, Karlota Doces Artesanais, GoVeggieFit, Linha de Prosa e Zuim Feito a Mão. Lado a lado com essas ações também foi organizado (iii) uma mostra fotográfica contendo trabalhos de Joyce S. Vidal, fotógrafa do Coletivo Zóio. As exposições “Afoitos” e “Periféricas”, ambas focam nos principais temas de Joyce: Resistência e existência, do povo negro e da negra periférica na cidade de Fortaleza.

Para roda de curadoria foram convidadas: Camila Vieira, jornalista, crítica de cinema e integrante da Aceccine; Lílian do Rosário, curadora da mostra Negritude Infinita, Ana Paula Vieira mestranda em Artes pela UFC, realizou a curadoria da Mostra Percursos e o Festival Noia e Beatriz Furtado, pós doutora em Cinema e Arte Contemporânea pela Universidade de Paris III. Para a roda de conversa sobre produção cultural invitamos: Suzana Costa, gerente de projetos da Baião de Dois, Verônica Guedes criadora do Festival For Rainbow de diversidade sexual, Monique Souza gerente de projetos da Propono ,produtora do Festival Noia e Festival For Rainbow e Raquel Viana Gondim, docente do curso de Cinema e Audiovisual da Unifor, nas

cadeiras de Gestão e Economia do Audiovisual.

Ao todo compareceram 79 pessoas ao evento. O dia primeiro dia apresentou maior quantidade de pessoas, 48 visitantes, o segundo dia conseguiu 31 visitantes.

Roda de conversa sobre produção cultural

No dia 23 de maio de 2019, acontecia o primeiro dia da Mostra Alencarinas. Iniciando com a roda de conversa sobre produção cultural. A dinâmica da roda foi mediada por Raquel Gondim no qual iniciou os trabalhos instigando às profissionais: “como está a produção no nosso estado?”.

Suzana respondeu que o processo criativo e artístico não era visto por muitos como algo que precisava de planejamento e pragmatismo, que a posição artística de certa forma romantiza o ato da criação e não a trazia para locais práticos de realização. Também adicionou que, a partir do texto de Isabela Cavalcante (2018), a maioria das mulheres do ramo audiovisual estão na área de produção do que nas áreas de criação e comando e falou: “Eu estou muito confortável nesse lugar (produção executiva), mas fico pensando se eu poderia ter feito outro caminho se lá atrás eu tivesse pensado sobre isso. Talvez eu tenha entrado num circuito do que era o óbvio.”

Verônica Guedes comentou: “Esse negócio de meu partido é a cultura [...], tô fora!”, falando que ela detém um lado muito bem estabelecido, que é o lado de LGBTQ+ e mulheres.

Uma Fortaleza da Praça do Ferreira para lá [...]. Uma Fortaleza homofóbica, uma Fortaleza violenta, que tinha uns 4 assassinatos de LGBTQ+ por mês ... Minha ideia passou a ser ‘Como a gente vai juntar essas Fortalezas? E aí eu pensei num evento cultural [...]. A arte aproxima e isso daria um jeito de aproximar as pessoas. (Verônica Guedes, Mostra Alencarinas 2019).

Roda de conversa sobre a curadoria

No dia 24, a roda de conversa sobre curadoria foi um momento em que entendemos qual o papel de uma curadora no ramo cinematográfico. As curadoras Beatriz Furtado, Lílian do Rosário e Camilla Vieira discorreram sobre suas experiências e sobre o que seria curadoria em sua perspectiva e como usar esse poder para viabilizar protagonismos invisíveis. Beatriz começou no discorrer sobre sua experiência. Que sua

aprendizagem com Jonas Mekas e Nicole Brenez a instruíram a sempre buscar um cinema não convencional para compor suas mostras e programações.

Para mim esse cinema de mulheres, esse cinema negro, cinema LGBT [...] cinemas indígenas, a gente forja espaços para essas coisas (esses cinemas) que não estão sendo vistos que eles possam circular e criar um percurso de pensamento, para mim curadoria é isso, criar um percurso de pensamento. (FURTADO, Mostra Alencarinas, 2019)

Já Camila Vieira explicou que é muito fácil a curadora (o) cair em um repertório muito próprio de sua zona de conforto em relação a filmes. “Quando você está em um esquema de programação e recebe um conjunto de filmes inscritos, chegam filmes e experiências cinematográficas que você nunca se deparou antes e como você lida com isso?.” Como não cair nos mesmos padrões de escolha? Mais tarde Camila comentou que existe um desconhecimento muito grande da presença da mulher, principalmente no quesito curta-metragem, no cinema brasileiro que é a grande produção do Brasil.

Camila trouxe o dado que foi montada uma lista de 100 curtas indispensáveis do cinema brasileiro pela Abraccine, sendo que antes fora feita uma lista prévia de 200 filmes para os integrantes assistirem. Nesta, 48 eram curtas dirigidos por mulheres ou co-dirigidos dos 100 selecionados, ficou apenas 13 dirigidos por mulheres, muito recentes diga-se de passagem (ESTADÃO CONTEÚDO, 2016). “A gente tem uma invisibilidade enorme... Não é que as mulheres não fizeram filmes no passado é por que a gente realmente desconhece nossa história!”.

Comungando com esse pensamento Lílian do Rosário observa que seu trabalho de conclusão de curso foi focado no cinema de mulheres negras. Ela diz que se identificou muito com a iniciativa da Mostra Alencarinas, pois ela também vê a dificuldade da mulher de se enxergar nas telas. Em seu TCC ela discorreu o quanto as coisas mudaram nesses 5 anos.. “Parece que o debate cresceu muito!” No processo de graduação e mestrado, ela se envolveu com a mostra ‘Negritude Infinita’ que propõe focar nesse cinema feito por pessoas negras, principalmente com filmes que não chegavam em Fortaleza: “[...] achávamos que os filmes eram muito preciosos para não ter esse lugar aqui em Fortaleza. Essa iniciativa foi para esses filmes circularem aqui”.

Lílian comenta ainda sobre a pesquisa intitulada Raça e Gênero na Curadoria e no Júri de Cinema (2018), que aponta que a maioria dos curadores são brancos, homens em seguida vem as mulheres brancas e por último, homens negros e isso

influencia em quais filmes passam em festivais, quais filmes circulam em certas cidades. Ana Paula Vieira comenta que quando fez a curadoria da mostra Percursos, ela defendia filmes e lutava por eles na curadoria pois ela acreditava neles. “Você está na curadoria e tá lá assumindo esse papel e você não vai lutar pelo filme que você quer que passe?”

Conclusão

O intuito ao criar a Mostra Alencarinas seria suprir um espaço e uma representação que estava em falta na cidade, no estado. Criar um local em que as mulheres se sentissem confortáveis para exibir seus processos criativos, profissionais e sentimentaissem preconceito, sem a aura do machismo que é sempre presente na nossa sociedade e principalmente no mundo do audiovisual. Ao final, de acordo com os debates após as sessões, as rodas de conversas com as profissionais, a quantidade de pessoas que compareceram podemos dizer que o objetivo foi cumprido com sucesso.

Conseguimos tocar as pessoas que experimentaram da Mostra, instigar antigas enovas realizadoras com as rodas de conversas e proporcionar a troca de vivências tanto desejada nos primórdios da idealização do evento. Trazer as mulheres para esse lugar de representatividade para que elas ganhem visibilidade entre elas, ao mesmo tempo que, as mesmas se conheçam sempre foi um dos nossos maiores objetivos.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Alexandre; GADELHA, Rachel. Políticas Públicas de Cultura e o Campo da Produção Cultural. **Revista Pensamento & Realidade**. Ano XVI– v. 28 n° 4/2013. Disponível

em:<<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/17983>.

Acesso em 14 mar. 2019.

BLASCHKAUER, Dani. Dia da mulher tornou-se internacional após revolução, violência emortes. **Portal G1 [online]**, 8 mar. 2009. Disponível

em:<<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1031728-5602,00->

[DIA+DA+MULHER+TORNOUSE+INTERNACIONAL+APOS+REVOLUCAO+VI
OLENCIA+E+MORTES.html](#)>. Acesso em 13 dez.18.

BOUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos** Vol I. 3.ed. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2016. BRASIL.

Participação feminina na produção audiovisual brasileira. **Ancine** [online], Observatório do Cinema e Audiovisual OCA, 2015. Disponível em<https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/participacao_feminina_na_producao_audiovisual_brasileira_2016.pdf > Acesso dez. 2018.

BUCHANAN, Ian. A brief history of feminism. **Oxford Dictionaries** [Blog], s.a. Disponível em< <https://blog.oxforddictionaries.com/2011/03/08/international-womens-day/>> Acesso em dez. 2018.

CAVALCANTE, Isabella. Por trás das câmeras: a luta das mulheres no cinema brasileiro.**Metropoles** [online], Vida & estilo–feminismo.7 ago.2018. Disponível em:<<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/feminismo/por-tras-das-cameras-a-luta-das-mulheres-no-cinema-brasileiro>>. Acesso em maio 2019.

CINE,Ceará. **Folheto da Programação do 28º Cine Ceará**. Fortaleza, 2018.

Festival de Gramado 2018: conheça os filmes selecionados e os homenageados da 46ª edição. **Cinevitor** [online],2018.Disponível em<<http://www.cinevitor.com.br/festival-de-gramado-2018-conheca-os-filmes-selecionados-e-os-homenageados-da-46a-edicao/>> Acesso em maio 2019.

DAVIS, Angela Y. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo. Editora Boitempo,2017. Abraccine lança publicação com 100 melhores filmes brasileiros. **EstadãoConteúdo** [online], 10 set. 2016. Disponível em < <https://istoe.com.br/abraccine-lanca-publicacao-com-100-melhores-filmes-brasileiros/>> Acesso em maio 2019.

Festival do Rio 2018 anuncia 84 produções brasileiras selecionadas para a PREMIÈRE BRASIL e outras mostras. **Festival do Rio** [online], s/d. Disponível em<<http://www.festivaldoriorio.com.br/br/noticias/festival-do-rio-2018-anuncia-84-producoes-brasileiras-selecionadas-para-a-premiere-brasil-e-outras-mostras>>Acesso em junho 2019.

GADELHA, Rachel. **Produção Cultural: Configurações e Paradoxos**. Fortaleza:

Armazém da Cultura, 2015.

GARONCE, Luiza. Diretoras mulheres são maioria no Festival de Cinema de Brasília pela primeira vez desde 1965. **Portal G1** –Distrito Federal [online], 15 set. 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/o-que-fazer-no-distrito-federal/noticia/2018/09/15/diretoras-mulheres-sao-maioria-no-festival-de-cinema-de-brasilia-pela-primeira-vez-desde-1965.ghtml>> Acesso em 05/19.

HANNAM, June. Women's history, feminist history. **Making History** (online). s.a Disponível em:<https://www.history.ac.uk/makinghistory/resources/articles/womens_history.html> . Acesso em 13 dez.2018.

HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina C. **Feminismo e Plural: Mulheres no Cinema Brasileiro**. São Paulo: Editora Papyrus, 2017.

MARTINS, Cleissa R. Raça e gênero na curadoria e no júri de cinema. **Boletim GEMAA**, N°.05,2018.Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2018/06/Boletim_05_2018.pdf> . Acesso em 23 abr.2019.

MENDONÇA, Rani de. Conheça Bárbara de Alencar, uma das lideranças da Revolução Pernambucana de 1817. **Brasil de Fato** [online], 6 mar.2018. Disponível em<<https://www.brasildefato.com.br/2018/03/06/conheca-de-barbara-de-alencar-uma-das-liderancas-da-revolucao-pernambucana-de-1817/>> Acesso em maio 2019.

PAIVA, Vitor. Ofuscada por Rodin e pelo machismo, finalmente Camille Claudel ganha seu próprio museu. **Hypeness** [online], s.a. Disponível em <<https://www.hypeness.com.br/2017/04/ofuscada-por-rodin-e-pelo-machismo-finalmente-camille-claudel-ganha-seu-proprio-museu/>> Acesso em abr. 2019.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos **Carta Maior** [online], 1 out. 2018. Disponível em<<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/%20EleNao-A-manifestacao-historica-liderada-por-mulheres-no-Brasil-vista-por-quatro-angulos/60/41904>> Acesso em 13 dez.2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo,2004.

SAMPAIO, Joalice. 27º Cine Ceará anuncia mostra Olhar do Ceará e filmes da noite de abertura. Papo Cult [online], 30 jun. 2017. Disponível em <<http://www.papocult.com.br/2017/06/30/27-cine-ceara-anuncia-mostra-olhar-do-ceara-e-filmes-da-noite-de-abertura/>> Acesso em 05/19.

Filmografia

ATLANTA. Fernanda Brasileiro e Hylnara Anny. Ceará.2017.(11 min).son.color.

BOCA de Loba.Bárbara Cabeça. Ceará.2018.(18 min).son.color.

CLOSE. Rosane Gurgel. Ceará. 2017.(20 min.). son.color.

DO que se faz Conta. Amanda Pontes.Ceará.(16"25')son.color.Filme independente.

ENSAIO Sobre Insatisfação. Nadine Ribeiro e Amanda Soares.Ceará(8'9") son.color.Filme independente.

MISTÉRIO do Dominó Preto.Cleo de Verberena.São Paulo.1930.p&b.

MURIEL. Vanessa Cavalcante.Ceará.2015(17 min.).son.color.

OUVI todo mundo. Lívia Costa.Ceará (2"). son.color.Filme independente

PAISAGEM na Garganta. Gabi Trindade.Ceará(2019).(24'48").son.color.

KBELA. Yasmin Thayná. Rio de Janeiro.(2015).(21 min)son.color.

RESTO de Deus Entre os Dentes. Jane Malaquias. Ceará.1991(97 min.).son.color.

TERRA Ausente. Noá Bobona.Ceará.2018.(3'55").son.color.

TOPOFILIA. Amanda Pontese Michelline Helena.Ceará (2017)(37'34").son.color.

Links:

Mostra Competitiva de Curtas do Festival de Brasília 2018 - Disponível em <https://www.festivaldebrasil.com.br/mostra/competitiva/Curta> Acesso em 05/19.

Mostra Competitiva de Longas do Festival de Brasília 2018 - Disponível em <https://www.festivaldebrasil.com.br/mostra/competitiva/Longa> Acesso em 05/19.

Mostra Competitiva de Curtas do IX Janela do Recife 2018 – Disponível em
<<http://www.janeladecinema.com.br/2018/programacao/mostra-competitiva-brasileira/>> Acesso em 06/19